



Operadora:

Bom dia a todos. Iniciamos neste momento a teleconferência do Banco do Brasil para discussão dos resultados do 3T09.

Todos os participantes estão conectados apenas como ouvintes, e mais tarde, será aberta a sessão de perguntas e respostas, quando serão dadas as instruções para participação. Caso precise de ajuda de um operador durante a conferência, basta teclar *0.

Cabe lembrar que esta conferência está sendo transmitida ao vivo pelo Portal BB, no endereço www.bb.com.br, site de Relações com Investidores, onde há, inclusive, a possibilidade de visualizar os slides e enviar perguntas que serão respondidas na sessão de perguntas e respostas, ou posteriormente, por e-mail.

Antes de prosseguir, gostaríamos de esclarecer que eventuais declarações que possam ser feitas durante esta teleconferência, relativas às perspectivas de negócios do Banco, projeções e metas operacionais e financeiras, constituem-se em meras previsões baseadas nas expectativas da administração em relação ao futuro do Banco. Essas expectativas são altamente dependentes das condições do mercado, do desempenho econômico geral do País, do setor e dos mercados internacionais, portanto, estão sujeitas a mudanças.

Conosco hoje estão os senhores: Ivan de Souza Monteiro, Vice-Presidente de Finanças, Mercado de Capitais e de Relações com Investidores, o Sr. Eduardo César Pasa, Contador Geral, e o Sr. Marco Geovanne Tobias da Silva, Gerente Geral de Relações com Investidores.

Inicialmente, o Sr. Ivan apresentará os resultados do 3T09 em grandes linhas, e, em seguida, o Sr. Geovanne apresentará detalhes desse resultado. Ao final, os executivos responderão as questões formuladas.

Agora eu passo a palavra ao Sr. Ivan Monteiro. Por favor, Sr. Ivan, pode prosseguir.

Ivan de Souza Monteiro:

Bom dia a todos. Sejam bem-vindos à nossa teleconferência para divulgação dos resultados do Banco do Brasil no 3T09.

Antes de passar a palavra ao Geovanne, que irá detalhar aspectos do resultado de aproximadamente R\$6 bilhões registrados pelo Banco no 9M09, gostaria de discorrer brevemente sobre alguns pontos que considero importantes.

O resultado do 3T mostra que foram acertadas as decisões estratégicas tomadas pelo Banco em resposta às oportunidades apresentadas em 2009. Aumentamos nossa participação de mercado e consolidamos a liderança em segmentos importantes da indústria, a despeito do posicionamento dos nossos concorrentes.

Como consequência, no mercado de crédito superamos a marca histórica de 20% de market share, ultrapassando R\$300 bilhões emprestados, respaldados pelo expressivo crescimento de nossa captação. O Banco do Brasil ampliou sua liderança na indústria bancária, registrando ativos totais de R\$685 bilhões.



Ao longo de 2009, em complemento à estratégia vencedora de crescimento orgânico, fizemos importantes movimentos de aquisições e parcerias. A aquisição do Banco Nossa Caixa já apresenta resultados que merecem destaque.

Desde que fechamos a aquisição, em março de 2009, a carteira de crédito daquele banco saiu de R\$13,8 bilhões para R\$19,3 bilhões em setembro. Somente em crédito consignado, o BNC cresceu 66% desde o final do 1T, superando a marca de R\$10,6 bilhões.

Em setembro, concluímos a parceria estratégica com o Banco Votorantim, por meio da qual o Banco do Brasil passa a ser um importante player no financiamento à aquisição de veículos.

Além das conquistas no segmento de *banking*, temos desafios para garantir a geração sustentável de receitas não-financeiras. O Geovanne vai mostrar que continuamos a apresentar crescimento importante nos segmentos de cartão de crédito e seguros, sem esquecer de mencionar os ganhos crescentes na área de mercado de capitais.

Com relação a seguros, conforme anunciamos recentemente, pretendemos buscar complementaridade dos negócios em que atuamos, por meio de uma ampla reorganização societária e operacional de nossas empresas.

Além das diversas frentes negociais para as quais temos voltado nossa atenção, não abrimos mão da nossa disciplina em identificar constantemente oportunidades de ganhos de produtividade. Conseguimos expandir receitas operacionais com despesas administrativas sob controle. Repetindo a trajetória dos anos anteriores, nosso índice de eficiência continuou apresentando tendência de melhoria.

O Desempenho do Banco confirma a grande maioria das estimativas que constam do nosso *guidance* divulgado ao mercado. Estamos confiantes que o Banco alcançará seus objetivos em vista das boas perspectivas da economia e da indústria bancária brasileira.

Gostaria de ressaltar, como já anunciado ao mercado, que a SEC concedeu registro ao nosso programa de ADR nível 1. É um passo importante para ampliarmos o acesso de investidores interessados em nossa Empresa. É uma medida que tem o efeito benéfico de ampliar liquidez, inclusive no mercado local.

Passo agora a palavra para o Geovanne, e fico à disposição na sessão de perguntas e respostas. Obrigado. Geovanne, por favor, pode prosseguir.

Marco Geovanne Tobias da Silva:

Obrigado, Ivan. Bom dia a todos. Vamos dar sequência, passando para o slide número três da nossa apresentação, onde trazemos alguns dados da conjuntura macroeconômica, mostrando aqui sinais claros de recuperação da economia brasileira.

Nós podemos verificar no gráfico no alto à esquerda que a inflação medida pelo IPCA de 12 meses cravou 4,3%, um patamar inferior ao registrado em 2008 e também abaixo da meta central de 4,5% que foi estabelecida pela autoridade monetária, que, como medida anticíclica, lançou mão da redução de aproximadamente 500 b.p. da taxa básica de juros, que atingiu setembro de 2009 no patamar histórico de 8,75%.



A seguir, no gráfico abaixo à esquerda do slide, vemos também o comportamento da massa salarial brasileira, cuja evolução é uma boa referência de impulso para a economia, uma vez que tem relação direta também com o consumo das famílias, que, por sua vez, também influencia a atividade produtiva.

Nesse sentido, vale aqui destacar que a taxa de desemprego no Brasil, ilustrada o gráfico abaixo à direita, se manteve estável, ante o colapso financeiro mundial. E nesse mundo pós-crise, em meio a toda essa turbulência, o Brasil, sem dúvida alguma, demonstrou ser merecedor da credibilidade.

O que nos leva ao slide número quatro, onde gostaríamos de apresentar a evolução de alguns indicadores do crédito no País. Aqui é um raio-x do crédito no sistema financeiro nacional, refletindo o comportamento diante da crise internacional.

Como vocês podem ver nesse gráfico à esquerda, a relação crédito-PIB atingiu 45,7% em setembro de 2009, quando a carteira de crédito total do sistema financeiro nacional alcançou R\$1,3 trilhão, com a participação dos bancos públicos sendo expressiva, passando de 33% no 2T09 para 38% no 3T09 do crédito total da economia.

As concessões de crédito também mostram manutenção do ritmo da atividade, conforme projetado no gráfico no alto à direita, a concessão de crédito à pessoa física mantém o ritmo dos últimos anos, assim como o volume direcionado à pessoa jurídica.

Em relação ao crédito à pessoa física, no gráfico abaixo à esquerda, podemos verificar a evolução das três principais linhas de crédito PF, com expressivo crescimento do crédito imobiliário nos 9M09. É importante observar, também, no gráfico abaixo à direita, que a expansão do crédito do sistema vem acompanhada pelo menor índice da cobertura das operações de pior risco pelas provisões existentes.

Passando agora para o slide número cinco, nós vemos que o posicionamento que o Banco do Brasil adotou, conforme o Ivan já disse, foi acertado. Nos 9M09, então, impulsionados pela expansão de 27% do crédito, especialmente do crédito ao consumo, que cresceu 75%, os ativos totais do Banco cresceram 31,5%, sustentados por um incremento de 20,7% na captação nos depósitos do Banco do Brasil.

Eu gostaria de lembrar que a Nossa Caixa está consolidada nos números do Banco do Brasil desde o 2T09, e que a partir desse trimestre passamos a fazer a consolidação patrimonial da nossa participação de 50% no Banco Votorantim. Qualquer informação do Banco na visão *stand alone* será devidamente destacada durante a teleconferência.

Vamos agora, então, para o slide de número seis, onde podemos ver que, apesar do desafio imposto pela conjuntura, o Banco do Brasil manteve a sua rentabilidade acima de 20%, apresentando, inclusive, ganhos de eficiência.

De janeiro a setembro, o lucro recorrente do Banco do Brasil somou R\$5 bilhões, correspondentes a um retorno sobre o patrimônio líquido de 21,6% anualizado. No mesmo período, a margem financeira bruta alcançou R\$23,8 bilhões e o spread global ficou em 6,8%. A geração de receitas sobre serviços somou R\$9,9 bilhões, e o estrito controle das despesas administrativas, que totalizaram R\$13,7 bilhões, levaram a eficiência a fechar em 43% no período.



Olhando agora para o slide de número sete, podemos confirmar que o êxito das estratégias adotadas pelo Banco foi amparado por sua ampla rede de distribuição e também por sua plataforma tecnológica. Ao final de setembro de 2009, o Banco do Brasil contava com mais de 104.000 funcionários, mais de 17.000 pontos de atendimento, quase 44.000 terminais de autoatendimento, e teve 92,2% das transações de clientes realizadas por meio de canais automatizados.

Com toda certeza, esse passo à frente que o Banco do Brasil deu, antecipando-se ao cenário da retomada da atividade econômica, abriu novas fronteiras de negócios ao mesmo tempo em que consolidou algumas conquistas de mercado.

E nós podemos ver essas conquistas no slide número oito, onde apresentamos as principais lideranças do Banco do Brasil. Entre outras lideranças, somos os primeiros em ativos, captações totais, incluindo aí depósitos à vista, poupança e a prazo, administração de recursos de terceiros, operações de comércio exterior.

Mas eu gostaria de enfatizar um ponto primordial neste slide: ao final de setembro, a carteira de crédito do Banco do Brasil no País alcançou mais de 20% da participação de mercado. Esta é a maior participação, até então, apresentada por uma instituição financeira na história contemporânea brasileira.

Em relação a este ponto, eu destaco ainda que a manutenção da liderança no crédito com ganhos de mercado veio amparada pela expansão do crédito à pessoa física pelo BB, que registra históricos 22,3% de participação no mercado, resultado este da decisão estratégica do Banco de conferir maior ênfase a esse segmento, movimento iniciado em 2005 e que foi impulsionado agora, em 2009.

Passando para o slide de número nove, podemos ver aqui a evolução do lucro e da rentabilidade do Banco. Nos 9M09, o lucro líquido societário somou R\$6 bilhões, corresponde ao retorno sobre o patrimônio líquido anualizado de 25,9%; desconsiderando os efeitos extraordinários, esse lucro é de R\$5 bilhões, com retorno de 21,6%.

E na visão trimestral, o lucro líquido de quase R\$2 bilhões equivaleu a um resultado recorrente de R\$1,764 bilhão, que correspondeu a uma rentabilidade anualizada sobre o patrimônio líquido de 23,1%.

Falando agora da formação do resultado recorrente, no slide dez nós vemos a evolução da margem financeira bruta do Banco, que apresentou expansão de 36% em relação aos 9M08, e que foi impulsionada, principalmente, pela expansão da carteira de crédito.

É importante notar aqui que, no 3T09, a margem financeira manteve o patamar alcançado no trimestre anterior, somando R\$8,3 bilhões; e em relação ao 2T09 houve um decréscimo de 2%, mas em relação ao mesmo período do ano passado, a expansão foi de 38%.

Podemos ver ainda que no 3T09 houve pouca volatilidade para as despesas financeiras, mas apresentou um incremento forte das receitas com operações de crédito. E a expansão das receitas com crédito foi assegurada pelo aumento dos volumes médios das operações, o que compensou o comportamento dos spreads e a redução da Selic.



As receitas com operações de crédito cresceram 4,7% no trimestre e 18% comparado ao mesmo período do ano passado, essas receitas ganhando espaço na formação da margem financeira bruta.

Passando agora para o slide de número 11, podemos ver que a expansão da margem veio acompanhada pela evolução das captações do Banco. Aqui também vemos o comportamento do custo de funding em relação à taxa Selic.

Enquanto verificamos um incremento de 52,5% no saldo da captação total do Banco do Brasil em 12 meses e de 16,5% no trimestre, vemos que o custo de captação total do Banco em relação à Selic subiu aproximadamente 400 b.p. na comparação anual e 280 b.p. na comparação trimestral. Esse comportamento foi influenciado, sem dúvida alguma, pela redução na taxa Selic de 500 b.p. em relação ao 3T08 e de 50 b.p. em relação ao trimestre anterior, o que impactou diretamente o custo dos depósitos a prazo.

Se, por um lado, os depósitos a prazo serviram no passado para amortecer a elevação do custo total das captações em relação à taxa básica de juros, agora, em função da consolidação do Banco Nossa Caixa, que agregou um volume significativo de depósitos judiciais à base de captação, depósitos esses que são remunerados com base na TR mais uma taxa fixa de 6%, isso tem aumentado o custo da nossa captação. O mesmo é aplicado quando se analisa dos depósitos de poupança, que também apresentam remuneração semelhante.

De toda forma, mesmo com a alteração da conjuntura, o Banco do Brasil continua apresentando custos competitivos de captação, devido à sua capacidade de crescer passivos em ritmo superior ao da indústria em função da sua franquia, da sua capilaridade.

Passando agora para o slide de número 12, trazemos a informação, mostrando para vocês na visão ano e ano e na visão trimestral o comportamento do spread das carteiras e também do spread global em comparação com a Selic acumulada.

Em síntese, o que vale ressaltar aqui é o que o foco no crédito ao consumo tem garantido maior resiliência do spread do Banco do Brasil em relação à trajetória da Selic.

Nos gráficos do lado esquerdo da lâmina, verificamos a continuidade da tendência de retração dos spreads das carteiras de pessoa física, pessoa jurídica e agronegócios.

A carteira de pessoa jurídica foi a que registrou melhor estabilidade, registrou um spread de 7,2% no ano, devido principalmente a uma maior participação das operações de capital de giro naquela carteira.

Em relação ao spread com a pessoa física, ele alcançou 19,8%, está em uma tendência declinante, em razão da maior concentração na carteira de operações com menor risco associado, como, por exemplo, o crédito consignado e o financiamento a veículo.

A variação do spread do agronegócio, que saiu de 5,1% para 5,3% na visão ano e de 5,5% para 4,9% na visão trimestral, é explicada pela alteração no *mix* da carteira, com redução da participação relativa das operações contratadas junto a clientes pessoas



físicas e também das operações com recursos equalizáveis, operações estas que apresentam melhores margens.

Do lado direito do slide, podemos ver o comportamento do spread global do Banco do Brasil, aí fazendo uma comparação também com a Selic; spread esse que é calculado pela margem financeira bruta, dividido pelos ativos rentáveis. E esse spread saiu de 7,3% no 2T09 para 6,7% no 3T. Em 9M, esse indicador ficou em 6,8%. E na visão Banco do Brasil *stand alone*, esse indicador ficou em 6,6%.

Uma forma interessante de analisarmos o desempenho do spread global do Banco é compará-lo à Selic acumulada no período em questão. Por essa métrica, podemos verificar que o Banco do Brasil tem crescido o retorno da sua intermediação financeira em relação à taxa básica de juros acumulada. Enquanto em 2008, ano em que a Selic acumulada anualizada correspondeu a 12,5%, a relação spread global/Selic ficou em 56,9%. Nos 9M09, a relação ficou em 65,2%, e tende a se apresentar ainda maior ao final do ano, caso a taxa básica de juros seja mantida no patamar atual e o banco do Brasil continue com a sua estratégia de ampliar a participação do financiamento ao consumo no total da sua carteira de crédito.

Mais uma vez, é importante lembrar que o BB tem obtido êxito na compensação da queda da Selic pela alteração no *mix* da sua carteira.

É fato, ainda, que existe uma diferença temporal entre a rapidez com que o Banco do Brasil aumenta suas captações e as suas aplicações em crédito. Ou seja, a primeira conta acontece em um ritmo mais acelerado que a segunda, o que faz com que o excesso de funding seja direcionado para aplicações com margens diretamente afetadas pela Selic, como títulos e aplicações interfinanceiras de liquidez.

Passando agora para o slide de número 13, podemos ver a evolução da carteira de crédito do Banco do Brasil. O saldo de R\$285,5 bilhões representa crescimento de 41,2% em 12 meses e de 13,1% no trimestre. Como eu falei no slide oito, esse desempenho levou o Banco do Brasil a ultrapassar 20% de participação no mercado de crédito no País.

Continuamos crescendo mais que o sistema financeiro, e o destaque dessa expansão tem sido, sem dúvida alguma, da carteira de pessoas físicas, com a expansão de mais de 97% em um ano e de 24% no trimestre, participação essa que aumentou sua participação relativa no total da carteira.

A carteira de empréstimos de pessoas físicas, que representava 21,5% da carteira total do Banco do Brasil em setembro de 2008, aumentou sua participação para 30%. Então, é importante destacar o volume de crédito para consumo hoje, o Banco do Brasil se tornando o segundo maior financiador do consumo do País, e o volume da carteira de empréstimos a pessoas físicas sendo bastante superior ao volume da carteira de agronegócios.

Indo agora para o slide número 14, detalhamos aqui o crescimento do crédito no Banco do Brasil. Se nós excluirmos a incorporação da Nossa Caixa e do Banco Votorantim, o Banco do Brasil apresentou um crescimento orgânico de 21,5% em 12 meses em suas carteira de crédito, acima dos 16,9% registrados pelo sistema financeiro nacional; e de 4,4% no trimestre, abaixo da indústria.



Todavia, é importante ressaltar que o desempenho na visão trimestral menor que a indústria deve-se, primordialmente, ao impacto do crescimento da carteira de agronegócio, que, na realidade, no trimestre apresentou até um ligeiro decréscimo.

Em relação às aquisições, vale dizer que o incremento trimestral de 13,2% verificado na carteira da Nossa Caixa já reflete o potencial de sinergias que o Banco do Brasil vislumbrou quando decidiu adquirir a Nossa Caixa.

Em relação à parceria firmada com o Banco Votorantim, cabe ressaltar o aumento de R\$20 bilhões na carteira de crédito total do Banco do Brasil, com a consolidação de metade do Banco Votorantim, impacto maior este vislumbrado na carteira de financiamento a veículo.

Passando agora para o slide de número 15, fazemos uma abertura das operações de crédito ao consumo, que cresceram 97,3% em 12 meses e 23,2% no trimestre, o que levou o Banco do Brasil a conquistar 22,3% desse mercado.

Esse desempenho foi impulsionado pela expansão das carteiras de consignado e financiamento a veículos. A carteira de consignado, crescendo 133,7% em um ano, e 15% no trimestre; Banco do Brasil e Nossa Caixa somam juntos R\$34 bilhões no mercado de consignado, mais de 30% de participação de mercado. E o financiamento a veículos deu um salto, em função da parceria com o Votorantim.

No slide de número 16, vemos que a evolução do crédito concedido à pessoa jurídica, crédito este que alcançou R\$117 bilhões, também foi expressiva. Eu destaco aqui as operações com médias e grandes empresas, que mesmo com a variação cambial no período, que impacta principalmente as operações de comércio exterior, essas operações cresceram 42% em um ano e 18% no trimestre, indicando a confiança do Banco do Brasil no setor produtivo. As operações com micro e pequenas empresas também apresentaram um incremento de 28,5% no 12 meses e 4,2% no trimestre.

É importante ressaltar que a aplicação aqui de uma visão de longo prazo no relacionamento com os nossos clientes foi o que levou a essa estratégia do Banco do Brasil, de suprir as necessidades de financiamento do segmento de pessoas jurídicas em meio à crise, e essa estratégia tem garantido, além do crescimento do volume de negócios, de clientes, a melhoria também da rentabilidade com esse cliente, como já vimos no slide de número 12, quando falamos sobre o spread na carteira de pessoas jurídicas.

No slide de número 17 nós vemos a evolução do crédito concedido às micro e pequenas empresas por meio do Fundo Garantidor de Operações. Eu queria chamara a atenção que o fundo é um fundo de garantia de natureza privada, constituído por recursos de seus cotistas, sendo esses cotistas o Tesouro Nacional e os agentes financeiros públicos ou privados, e tem por finalidade garantir parte do ritmo de crédito dos empréstimos e financiamentos concedidos ao segmento de micro e pequenas empresas, contribuindo para o destravamento e a melhoria do risco desse segmento.

O FGO, como é chamado este fundo, é um instrumento estratégico para que o Banco do Brasil possa ampliar ainda mais a oferta de crédito às empresas com faturamento bruto anual de até R\$15 milhões, e hoje no Banco do Brasil as linhas passíveis de utilização do FGO são as linhas de capital de giro, e o valor máximo garantido varia entre 60% a 80% do empréstimo, dependendo do tipo de garantia, e a garantia limitada a R\$150 mil, dependendo do tipo de operação.



A cobertura compreende todo o prazo de financiamento e o mutuário paga ao FGO uma comissão de concessão de garantia, que é vinculada também ao tipo da operação e proporcional ao prazo e ao valor garantido.

Em poucos mais de dois meses, o Banco do Brasil já atendeu mais de 37.000 clientes do segmento de micro e pequenas empresas por meio do FGO; do total de R\$1,1 bilhão disponibilizado, R\$795,8 milhões estão garantidos pelo fundo.

Passando agora para a lâmina de número 18, apresentamos a evolução do saldo das operações de financiamento ao comércio exterior, que alcançou R\$24,6 bilhões em setembro, incremento de 19,3% no ano.

Aqui eu quero chamar a atenção para a variação do câmbio, que impacta diretamente o saldo dessas operações em Reais. Por isso nós trazemos na parte superior do gráfico a evolução do saldo dessas operações em USD. O saldo dessas operações em USD apresentou um crescimento de 28% em 12 meses, e de 14,2% no trimestre. Eu destaco que o Banco do Brasil é líder no mercado de câmbio de exportação e importação, com participações de 31% e 23% respectivamente; e nos negócios de ACC e ACE o Banco do Brasil alcançou participação de mercado de quase 38% em setembro de 2009.

No slide número 19, nós podemos ver que o Banco do Brasil permanece como o maior financiador do agronegócio brasileiro, com o saldo de carteira de R\$68 bilhões, um crescimento de 12,4% em 12 meses, o que corresponde a cerca de 60% de todo o crédito do agronegócio no País. Para a safra 2009/10, o Banco do Brasil espera destinar R\$39,5 bilhões ao segmento do agronegócio, dos quais R\$15 bilhões já foram liberados.

Olhando o slide número 20, é importante chamar a atenção para a ampliação do seguro agrícola na safra 2009/10. Do lado esquerdo da lâmina, mostramos que o percentual de operações de custeio agrícola que foram contratados com seguro, do total de R\$5,6 bilhões já disponibilizados, 66,7% foram segurados. Se continuar nessa tendência, teremos o índice de cobertura com seguros muito maior que o obtido na safra 2008/09.

Lembro também que praticamente 90% de todos esses seguros são ressegurados por seguradoras internacionais, e do lado direito nós mostramos a distribuição do seguro por região. As regiões que concentram a maior parte desses seguros agrícolas são as regiões Sul e Centro-Oeste, e a região Sudeste é a que concentra o menor volume de seguros, em função principalmente das lavouras que são cultivadas naquela região, a cana-de-açúcar, por exemplo, que não permite seguro.

Passando agora para o slide de número 21, nós vemos no gráfico à esquerda que as despesas de provisão registraram retração de 4,9% e o índice que mede a relação entre essas despesas e a carteira média trimestral encerrou em 4,7%. Apesar da redução das despesas no trimestre, a relação entre despesa e carteira média, 4,7%, conforme eu já disse, o crescimento desse indicador decorre da fraca base de comparação, uma vez que o 3T08, que apresentou um baixo nível de despesas de provisão, foi, então, eliminado do cálculo da média móvel de 12 meses.

As operações vencidas há mais de 90 dias que estão mostradas na linha amarela do gráfico à esquerda passaram de 3,3% para 3,6% no final do 3T. Esse percentual se



mantém abaixo do apresentado pelo sistema financeiro nacional, que está em torno de 4,4%.

E o índice de cobertura da carteira com provisões, tanto a adicional quanto a requerida pelo Banco Central, mantém-se em um patamar bastante alto, em torno de 6,7%, tanto na visão trimestral quanto na visão de 9M.

Olhando agora para o slide de número 22, fazemos uma comparação entre a inadimplência do Banco do Brasil e do sistema financeiro nacional, tanto no segmento de pessoas físicas e pessoas jurídicas, avaliando aqui o crédito referencial para taxas de juros.

Olhando o índice de inadimplência de 90 dias, nós percebemos que no segmento de pessoas físicas o pior já passou, já atingimos o pico e já observamos no 3T uma melhoria do índice de inadimplência, no patamar de 5,2%, enquanto a indústria apresenta um patamar de 8,2%.

No segmento de pessoas jurídicas, também acreditamos que o pico já foi atingido. O índice de inadimplência de 90 dias no Banco do Brasil cedeu, já está em 3,1%, enquanto na indústria ele continua alto, no patamar de 4% acima da inadimplência apresentada pelo Banco do Brasil.

Eu gostaria de chamar a atenção agora para a lâmina número 23, onde apresentamos a inadimplência da carteira de pessoas física por safra. Aqui, excluindo do crédito de pessoa física as operações com cheque especial, cartões e financiamento a veículos.

Eu acredito que o Banco do Brasil é o único que da transparência para esse tipo de informação, e nós podemos observar aqui eu o aprimoramento das metodologias de concessão de crédito do Banco do Brasil, bem como a melhoria no *mix* das operações contratadas no segmento de pessoa física, tem permitido a redução do índice de atrasos na carteira ao longo das safras. Eu destaco aqui que esse *boxes* cinzas que eu coloquei, esse efeito de queda da inadimplência por safra é em função das cessões de crédito que nós fizemos nas safras de 2003, 2006 e de 2007. Mas é importante notar que as safras novas, incluindo as de 2008 e de 2009 têm um perfil de risco de inadimplência bem melhor que as safras anteriores.

Passando agora para o slide número 24, trazemos alguns destaques do Banco Votorantim. Embora os efeitos da crise sobre a qualidade do crédito sejam notórios em toda a indústria, é importante ressaltar que a qualidade do crédito do Banco Votorantim é sem dúvida alguma muito melhor que as da indústria, com indicadores do período refletindo a conjuntura.

A expertise do Votorantim no segmento de veículos fica evidente ao se constatar o índice de inadimplência de 3,4%, em uma carteira que é 83% composta por veículos usados. Nós esperamos colher os benefícios dessa parceria entre o Banco do Brasil e o Banco Votorantim também no incremento da qualidade do nosso financiamento a veículos, que possui uma inadimplência próxima de 5%.

Passando para o slide número 25, podemos ver a contribuição dos negócios não-bancários para o resultado do Banco. As receitas de prestação de serviços totalizando R\$9,9 bilhões nos 9M, um incremento de 13% comparado ao mesmo período de 2008. Olhando o Banco do Brasil sozinho, na visão *stand alone*, o percentual de crescimento



dessas receitas de janeiro a setembro foi de 6%, dentro do intervalo de *guidance* que foi passado para vocês, de 5% a 8% de crescimento no ano.

Eu lembro que na divulgação do resultado do 2T09, apesar de termos apresentado um crescimento das receitas de prestação de serviços abaixo do intervalo do *guidance*, decidimos manter nossas estimativas por acreditar na recuperação desse negócio que compõe a linha.

Ainda nesse slide, no gráfico nós podemos ver o desempenho do faturamento dos negócios de cartões, que é uma fonte importante de receita com tarifas para o Banco do Brasil, um crescimento do faturamento de 34%. Podemos também ver o valor agregado da seguridade, uma expansão de 38,2%, uma melhoria significativa do índice de seguridade, que mede o resultado da seguridade sobre o lucro recorrente do Banco do Brasil, que saltou de 10,8% do lucro do Banco para 15% nos 9M09, e a meta do Banco do Brasil nos próximos quatro anos é melhorar esse índice para 20%.

Eu chamo a atenção também para fontes importantes de receita do Banco do Brasil, como a administração de recursos de terceiros, e não posso me esquecer também das receitas provenientes das atividades de mercado de capitais, que têm agregado cada vez mais um volume maior de receita para o Banco do Brasil.

No slide número 26, vamos falar um pouco das despesas, as despesas administrativas que estão em linha com o crescimento dos negócios em também com as aquisições que fizemos. Por isso percebemos um crescimento de 24% nas despesas administrativas totais, incluídas aqui as despesas de pessoas e outras despesas administrativas.

Se nós olharmos na visão trimestral, essas despesas ficaram praticamente de lado, totalizando R\$4,9 bilhões. Como já esperávamos, um crescimento das despesas de pessoal por conta do reajuste salarial da nossa base que impactou o mês de setembro; a Administração do Banco concentrou o foco nas outras despesas administrativas, para tentar compensar as expectativas de aumento nas despesas de pessoal, e, com isso, o item outras despesas administrativas caiu 3,6% em relação ao trimestre anterior.

Passando agora para o slide número 27, para melhor entender o que foi o impacto da aquisição das despesas incorporadas da Nossa Caixa e a visão de despesa do Banco do Brasil *stand alone*, nós podemos verificar que, fazendo os ajustes que foram evidenciados nessa lâmina número 27, nós observaremos uma evolução das despesas administrativas do Banco do Brasil em 9M, uma evolução de 11,2%, perfeitamente em linha com o *guidance* para o Banco do Brasil na visão *stand alone*, que é uma variação das despesas administrativas entre 9% e 12%, fruto da expansão orgânica dos negócios.

Passando agora para o slide número 28, podemos ver que o índice de capital do Banco do Brasil está refletindo e é totalmente coerente com a estratégia de aquisição de crescimento dos negócios do Banco do Brasil. Ele finalizou setembro de 2009 já impactando a consolidação do Votorantim em 13%; esse patamar indica uma redução de 235 b.p., mas, todavia, é suficientemente forte para garantir uma expansão superior a R\$70 bilhões em ativos de crédito.

E eu gostaria de lembrar que o Banco do Brasil realizou duas captações de dívida, um bônus perpétuo de US\$1,5 bilhão em outubro, uma dívida subordinada de R\$1 bilhão



em novembro, que se aprovadas pelo Banco Central e somadas ao nosso capital de nível 1 e nível 2 respectivamente, melhorarão nosso índice de Basiléia na visão pro forma para 13,9%.

Vamos agora para o slide número 29, onde eu destacaria que esse crescimento dos negócios permitiu ao Banco do Brasil a retomada da liderança. Desde o 2T09 somos o Banco número um em total de ativos no Brasil, e o Banco do Brasil conseguiu triplicar o seu tamanho desde dezembro de 2002. E eu chamaria a atenção para o crescimento da base de ativos de praticamente 50% em apenas 12 meses.

Passando para o slide de número 30, apresentamos aqui uma comparação do nosso *guidance* com o que nós entregamos na avaliação dos nossos resultados de janeiro até setembro. Entendemos que o desempenho do Banco nos 9M09 confirma praticamente todas as estimativas divulgadas ao mercado, por isso estamos mantendo o *guidance*.

E para finalizar, na lâmina número 31 eu trago o desempenho das ações dos grandes bancos desde janeiro de 2009 até agora, bem como o do Ibovespa. Sem dúvida alguma, o Banco do Brasil foi o que apresentou a maior valorização entre os grandes bancos, reflexo desse desempenho consistente que o Banco do Brasil vem apresentando. Todavia, ele continua sendo negociado com desconto em relação aos seus pares, apesar de toda essa trajetória de rentabilidade consistente que o Banco do Brasil tem entregado aos seus acionistas.

Esses são os pontos principais que eu gostaria de comentar com vocês na teleconferência. Gostaria agora de abrir a sessão de perguntas e respostas. Muito obrigado.

Carlos Firetti, Bradesco Corretora:

Bom dia a todos. Eu queria que vocês falassem um pouco a respeito do cenário competitivo que vocês veem daqui para frente, com os bancos privados agora retomando de forma mais ativa a concessão de crédito. Vocês ganharam um market share importante no momento em que eles estiveram mais retraídos, e agora tem que defender esse market share, ou tentar defender esse market share em uma situação onde os bancos voltaram a conceder crédito.

Eu queria saber como vocês veem essa competição, essa briga. Vocês acham que isso irá se refletir de uma forma muito intensa em spreads? Essa é a primeira pergunta.

E a segunda, eu gostaria que vocês dessem um panorama das expectativas de vocês em relação à próxima safra. Vocês têm um mapeamento muito detalhado e completo sobre o nível de rentabilidade dos agricultores; como podemos esperar em termos da capacidade financeira desses agricultores para a próxima safra e o impacto que isso pode ter na carteira agrícola de vocês. Obrigado.

Ivan de Souza Monteiro:

Obrigado, Carlos. Eu vou responder a primeira parte da sua pergunta, e deixo para o Diretor José Carlos Vaz a segunda parte.



Carlos, nós ficamos positivamente surpresos. Imaginávamos que neste trimestre o ambiente de competição já seria bem pior. O dado novo nesse trimestre foi o crescimento forte das operações de mercado de capitais, que, na visão do cliente, é muito positivo. Ele coloca uma pressão forte sobre os bancos em relação às linhas tradicionais de capital de giro.

Então, de modo geral, eu diria que nós continuamos performando muito bem, e eu acredito que a geração de ativos no Brasil, dado que agora há um consenso em relação ao crescimento do País, agora no 4T09 e 2010, fará com que a relação crédito-PIB cresça, e eu acho que poderá acolher de modo geral a ambição de todos de ter uma participação mais expressiva.

Acho que vai haver um crescimento nominal e uma forte disputa em relação a market share. Nós estamos bastante tranquilos em relação à capacidade do Banco em defender a sua posição, não só pela expansão que temos feito até agora, como também a presença importante do Banco nas operações de mercado de capitais.

Eu acredito que esse conjunto é muito positivo para o Banco. O ambiente será de maior competição, como você colocou, mas nós estamos tranquilos com relação à capacidade do Banco em defender a sua posição alcançada superior a 20,1%.

Com relação à segunda parte da sua pergunta, eu gostaria de endereçar ao Diretor José Carlos Vaz.

José Carlos Vaz:

Bom dia. Com relação à safra 2009/10, que nós estamos financiando neste momento o custeio dessa safra, que será colhida principalmente no 1S10, nós não vemos perspectivas de problemas de produtividade ou de produção; o clima sinaliza boas condições, de forma que devemos ter, possivelmente, a segunda maior safra da história, mas pode chegar a ser a primeira maior safra de grão da história. Mas, com certeza, será pelo menos a segunda.

No que se refere aos custos de produção, ela teve uma formação com preços de produção dos insumos bastante reduzidos em relação à safra anterior, ainda em patamares mais elevados do que na média histórica, mas com bastante redução em relação às duas últimas safras.

Há uma expectativa de aumento de liquidez dos países compradores, importadores da safra brasileira, que haja uma alta exposição de compra. Isso é um ponto positivo. Mas, por outro lado, a grande questão que se coloca é com relação a câmbio. Se o câmbio se mantiver em patamares próximos ou ligeiramente abaixo dos patamares históricos, nós teremos uma terceira safra em termos nacionais de boa renda, mantendo o perfil de pagamento de resgate dos compromissos, tanto para o custeio da safra quanto para a redução da parte de prorrogações da carteira.

Eventualmente, se tivermos realmente uma confirmação da depressão do USD em relação ao Real, nós teremos necessidade de fazer algumas renegociações na carteira prorrogada do Centro-Oeste, mas o Governo, tempestivamente, já disponibilizou os mecanismos para tal. Então, se tivermos que fazer isso, nós temos todo o instrumental necessário dentro do próprio Banco para fazer isso.



Será um ano de muita volatilidade, já percebemos o retorno dos investidores especuladores no mercado de commodities; a grande questão será o câmbio, mas, no presente momento, estamos com uma visão otimista com relação ao pagamento dos custos da carteira não-prorrogada e neutra para otimista com relação às parcelas das dívidas prorrogadas.

Carlos Firetti:

Muito obrigado.

Victor, Credit Suisse:

Bom dia a todos. Primeiro, gostaria de parabenizá-los pelo resultado. E segundo, duas perguntas, basicamente. A gente pode considerar uma reversão de tendência em termos de provisão adicional mais requerida sobre o total da carteira, que já evoluiu para 6,7%? O que podemos esperar para 2010?

E eu gostaria também de entender um pouco a performance da carteira de médias e grandes empresas durante o período, que foi até acima do que o mercado poderia esperar. Obrigado.

Ivan de Souza Monteiro:

Enquanto aguardamos o Eduardo, eu respondo a sua segunda parte da sua pergunta. O comportamento da carteira de crédito para média e grande empresas, mas principalmente a média, foi muito positivo. Uma explicação para isso é que o comportamento geral da carteira foi muito positivo, independente de ser carteira de pessoa física ou de pessoa jurídica. Eu acho que o compromisso que o Banco assumiu de manter sua carteira, manter sua posição, foi muito positivo, teve uma reação muito positiva dos clientes.

Um fenômeno interessante que você pode observar, Victor, é que quando nós tivemos o momento mais agudo da crise, é muito natural que as grandes empresas financiem a sua cadeia de fornecedores, mas no momento agudo da crise várias delas se retraíram. Isso deixou um espaço que antes era preenchido pela própria grande empresa para os bancos, e, de um modo geral, ocupamos muito bem esse espaço.

Então, eu diria que a estratégia global de manter assistência foi muito positiva, em especial esse evento relativo aos fornecedores, especialmente pequenas e médias empresas, o que também nos foi muito positivo.

Outro detalhe importante é que temos uma abordagem no segmento de médias por segmentos específicos. A gente agrupa, é muito semelhante ao que fazemos no *corporate*. Isso também tem se mostrado uma estratégia muito vitoriosa.

Então, eu diria que essas duas combinadas resultaram nessa boa assistência, nessa boa manutenção, em especial porque em um primeiro momento houve uma diminuição nos ativos gerados de comércio exterior, que agora estão apresentando recuperação, que fatalmente foram substituídos por ativos gerados aqui no mercado interno.



Marco Geovanne Tobias da Silva:

Eu gostaria de adicionar, Victor, em relação à sua primeira pergunta, provisão sobre a carteira: o Banco do Brasil tem na sua política de crédito definida uma manutenção de cobertura da carteira com provisão, tanto a adicional quanto a requerida, em patamares elevados como esse. Então, não vislumbramos qualquer possibilidade de vocês reduzir significativamente esse indicador ao longo dos próximos períodos, mesmo que haja uma melhoria do risco médio da carteira.

O que provavelmente irá acontecer é que, na medida em que você reduz volume de provisões requeridas, você tenha, conseqüentemente, um aumento da provisão adicional, que, de fato, se você for olhar na abertura das nossas provisões requeridas adicionais, vocês percebe claramente isso, um volume crescente das provisões adicionais.

E eu somaria, inclusive, que atualmente o volume de provisão adicional serve também no cômputo do cálculo da Basileia, ou seja, reforça ainda mais o nosso BIS *ratio*., mantendo um volume de provisões adicionais grande.

Eduardo, não sei se você gostaria de acrescentar algum ponto.

Eduardo César Pasa:

É exatamente isso que o Geovanne falou. A condição do Banco é a manutenção dos níveis de provisão atualmente estabelecidos.

Victor:

Muito obrigado.

Rafael Ferraz, Banco Safra:

Bom dia a todos. Só uma pergunta rápida, em relação às receitas de intermediação financeira de vocês. Eu queria entender melhor o que está nessa linha de outros resultados operacionais com características de intermediação, que passou de um montante de R\$1,5 bilhão no 2T para alguma coisa perto de R\$640 milhões no 3T, e como isso deveria ficar para frente, como deveríamos ver essa linha para frente. Obrigado.

Marco Geovanne Tobias da Silva:

Obrigado pela pergunta, Rafael. Na verdade, o que tem nessa linha, praticamente, é *[inaudível]*. Você tem determinadas linhas, por exemplo, todos os nossos investimentos lá fora, no exterior. Então, todo ajuste referente a cupom de uma operação de crédito lá fora está dentro da margem, mas quando você traz isso para Reais na consolidação do balanço, o efeito do câmbio em cima daquela operação vai para outras receitas operacionais, e a gente traz isso de volta para dentro da margem, porque isso pertence, na realidade, à margem financeira.

Se eu tivesse uma operação aqui no Brasil de crédito que era concedida em USD, eu contabilizaria na minha margem não só o efeito do câmbio daquela operação, mas também o efeito do cupom, da taxa de juros daquela operação.



Então, por um efeito de contas, eu sou obrigado a contabilizar em outra linha que não está compondo a margem. Então, quando fazemos a análise da demonstração de resultados realocada, buscamos jogar para a margem todas aquelas despesas e receitas financeiras ligadas a juros, para vocês entenderem efetivamente o comportamento da margem financeira bruta.

Basicamente, o que vai explicar essa linha é essa questão do câmbio.

Rafael Ferraz:

Obrigado, Geovanne.

Eduardo Nishio, BTG Pactual:

Bom dia a todos. Obrigado pela oportunidade. Eu tenho duas perguntas, a primeira em relação ao Banco Votorantim. Além da parte de autos, que o Votorantim é forte, eu gostaria de saber o que vocês pretendem em termos estratégicos, como vocês pretendem usar a plataforma Votorantim em outras linhas de negócios, como banco de investimentos etc. Se pudessem abrir um pouco mais a estratégia do uso dessa plataforma, eu agradeceria.

E em relação a seguros, eu também queria saber, se vocês pudessem abrir um pouco mais o timing da reestruturação, a que vocês pretendem chegar em termos de contribuição no *bottom line* do Banco nesse segmento; e também a aquisição do IRB, como isso poderia ajudar nessa reorganização da plataforma de seguros. Obrigado.

Ivan de Souza Monteiro:

Com relação ao Votorantim, claro, o que determinou a aquisição foi o fortalecimento do Banco no financiamento de veículos. Isso foi atingido e está sendo cada vez mais aperfeiçoado. E se explorará todas as sinergias que identifiquemos entre o Banco e o Banco Votorantim. Evidente que o que chama a atenção é o financiamento de veículos, mas, como você bem colocou, vamos evoluir para tudo aquilo em que pudermos buscar uma atuação em conjunto.

Com relação à área de seguridade, eu gostaria que o Leonardo respondesse.

Leonardo:

Boa tarde, Eduardo. Com relação à reestruturação da área de seguridade, o Banco tem a intenção de nos próximos quatro anos, como disse o Geovanne, aumentar nossa participação para em torno de 20% a 22% da participação de receitas de seguridade no resultado do Banco.

Com relação à reestruturação do IRB, aquisição do IRB, o Banco divulgou que pretendemos participar em todos os segmentos da área de seguridade. Ou seja, em tudo o que não tínhamos participação, e vemos como grandes oportunidades eventos como PAC, Copa do Mundo aqui no Brasil, as próprias Olimpíadas, um ramo de atuação em que não atuávamos, grandes riscos; todos esses negócios farão com que o Banco traga uma sinergia maior para o resultado do conglomerado.



Eduardo Nishio:

OK. Obrigado. Voltando ao Votorantim, quais as outras linhas de negócios que vocês pretendem desenvolver ao longo do tempo? Vocês podem nos abrir a estratégia para frente?

Ivan de Souza Monteiro:

Eduardo, claramente, consignado é uma linha de negócio muito interessante que podemos explorar também com o Votorantim. Eu diria que o segmento de mercado de capitais também é uma linha de negócios que podemos explorar. Mas eu diria que as mais óbvias, em um primeiro momento, é o crédito consignado também.

Marcelo:

Se eu puder acrescentar, também temos pilotos na área de cartões e venda de produtos de seguridade nos canais da BB Financeira.

Eduardo:

OK. Obrigado.

Alcir Freitas, Itaú Corretora:

Bom dia a todos. Eu tenho duas perguntas com relação ao Banco Votorantim. A primeira é com relação à provisão para créditos de liquidação duvidosa. Eu queria só entender: vocês dão a abertura aqui do resultado do Banco no 3T, e vimos em relação ao ano passado um crescimento significativo. Não sei se vocês conseguiriam dar uma luz se esse crescimento foi principalmente por conta de veículos ou do segmento *corporate*, e se ao consolidar agora o Votorantim junto ao Banco do Brasil vocês veem a necessidade de revisar critérios de risco, e, por conta disso, esperarmos algum lançamento extraordinário no próximo trimestre.

E uma segunda pergunta com relação ao Banco Votorantim, com relação a custo de funding: se podemos esperar nos próximos trimestre uma redução no custo de funding, agora que foi concretizada a associação com o Banco do Brasil, e se isso realmente acontecer, se vocês têm como dar uma ordem de magnitude.

Ivan de Souza Monteiro:

O comportamento da inadimplência no Votorantim, falando especificamente do crescimento, focado em veículos, lembrando que o Votorantim mantém uma inadimplência menor que a da indústria. Então, eu lhe diria que foi um movimento natural, acompanhando a indústria como um todo, mas não perdendo a característica de se comportar com um índice menor que o da indústria.

Com relação a custo de funding, o que podemos esperar do Votorantim é uma ampliação dos volumes alocados por outras instituições, fruto da parceria, e efetivamente uma busca de redução do custo do funding do Banco.

Esqueci de um detalhe que você perguntou, com relação a possíveis novos sustos em relação a incremento de provisões. Nós não vislumbramos isso. Eu não sei se o Marcelo, do Banco Votorantim, gostaria de complementar alguma coisa, mas nós não



vislumbramos porque o critério é como, o regulador é comum, o Banco Central do Brasil, e todos têm que atender o critério do regulador. Então, não vislumbro qualquer tipo de susto em relação a isso.

Marcelo, se você quiser adicionar, por favor.

Marcelo:

Está perfeito, Ivan. Não tem nenhuma tendência adicional de mudança de critério de provisão. Só para complementar, é importante ressaltar que nós tivemos já um pico desse processo de provisionamento de PDD, que foi em função da evolução da inadimplência da pessoa física, e já temos uma tendência de queda consolidada.

Alcir Freitas:

Está ótimo. Se vocês me permitirem, só voltar rapidamente à questão do custo de funding. Não sei se está correto afirmar que, quando olhamos para a margem financeira do 3T, ela ainda não reflete 100% a potencial melhor a de custo de funding por conta da associação. Está correto isso? E se vocês esperam que, ao isso ocorrer, isso será significativo.

Ivan de Souza Monteiro:

Está correto. Isso será capturado com maior ênfase agora, no 3T, porque vários agentes aguardavam a aprovação final pelo Banco Central, e é muito difícil prever quanto vai ser esse impacto mas eu garanto para você que vai haver uma redução do custo, e mais importante, talvez, que a redução, vai haver uma forte estabilização no funding para o Votorantim.

Alcir Freitas:

Está ótimo. Muito obrigado.

Mariana Barros, Banco Espírito Santo:

Bom dia a todos. A minha primeira pergunta é referente ao resultado de seguros do Banco nesse trimestre. A gente observou uma queda próxima a 17%, e olhando as notas, eu assumo que isso esteja relacionado a uma queda nos prêmios emitidos. Eu queria entender em quais segmentos isso aconteceu, ou se é sazonalidade.

E a minha segunda pergunta é referente ao spread global do Banco. Nesse trimestre, acabou ficando abaixo do *guidance* de vocês, ficou em 6,6 contra 7,8 a 7,2, que é o *guidance*, e eu queria entender o que o Banco espera para o 4T. E aí, acho que até complementando a pergunta do Alcir, se você consolidar o resultado do Banco Votorantim, se isso já contribui para o spread global do Banco. Obrigada.

Ivan de Souza Monteiro:

Vou responder a segunda. O spread global do Banco, a gente vem sempre colocando que, com o crescimento da carteira de consumo, percebemos uma oportunidade melhor que a da concorrência de manutenção do spread global do Banco.



O Votorantim acrescenta, ele dá um maior dinamismo ao crescimento da carteira de consumo, então ele contribui para a manutenção e melhoria do spread global do Banco.

Com relação à área de seguros, eu gostaria que o Leonardo respondesse.

Leonardo:

Boa tarde, Mariana. Mariana, na hora em que você percebe que o valor do resultado de seguridade do 3T cai em relação ao 2T, não é bem verdade. O que aconteceu é que no 3T nós tivemos uma alteração na contabilização do Banco, que sempre tinha uma defasagem em relação à equivalência patrimonial do Banco.

Então, no 3T nós apuramos quatro meses de equivalência patrimonial em relação aos outros. Se desconsiderarmos isso, você verá que o resultado está em linha com os demais trimestres.

Se você olhar o crescimento das nossas empresas, todas estão crescendo bem acima do mercado. Se olharmos, por exemplo, o segmento de vida, nós crescemos em relação ao mesmo período de 2008 32%, enquanto o mercado cresceu apenas 15%; ramos elementares, nós crescemos 31% e o mercado 11%; em capitalização nós crescemos um pouco abaixo do mercado, 10% contra 13%; previdência, 53% em relação ao mercado, que cresceu apenas 16%; veículos, 24% em relação a 12%.

Então, o faturamento das nossas empresas está bem acima do crescimento do mercado. O que isso mostra é a alteração de contabilização do Banco no 2T.

Marco Geovanne Tobias da Silva:

Ou seja, Mariana, no 2T eu tinha quatro meses de equivalência e no 3T eu só tenho três meses. Eu fiz isso para ajustar a contabilização ao período fiscal correto que o Banco do Brasil é consolidado.

Mariana Barros:

Então, no 4T eu também não tenho mais isso. Foi unicamente no 2T, é isso?

Marco Geovanne Tobias da Silva:

É. No 4T você terá três meses de equivalência, outubro, novembro e dezembro, contra o 3T, e aí você vai perceber a performance sendo refletida nisso.

Mariana Barros:

OK. Obrigada.

Carlos Macedo, Goldman Sachs:

Bom dia, senhores. Eu cheguei um pouco atrasado, então não peguei o começo da apresentação do Geovanne, não sei se já falaram sobre isso. Tenho duas perguntas, a primeira é sobre a capitalização do Banco, depois de a dívida subordinada do bônus perpétuo estar em 13,9 e dar essa folga de R\$70 bilhões de crescimento do ativo ponderado pelo risco. Este ano, vimos o Banco crescer só o crédito em R\$60 bilhões.



Existe algum risco de o Banco ter que diminuir a velocidade de crescimento, ou pagar menos dividendo por conta dessa alavancagem um pouco mais alta que os pares, ou isso pode ser remediado por um crescimento maior do lucro, alguma coisa nesse gênero?

A segunda pergunta tem a ver com uma tabela, aliás, vocês mostram isso em várias tabelas da análise do resultado, a tabela 80 é uma delas, por exemplo, que fala das mutações das provisões na carteira de varejo. A melhora na migração de risco cresceu muito nesse trimestre. Isso aconteceu na carteira de varejo, na carteira de empresas, em geral, em todas as carteiras. Eu queria saber se houve alguma mudança de avaliação de risco ou se foi simplesmente uma melhora na qualidade de crédito, na perspectiva econômica que vocês puderam julgar dentro do modelo de crédito de vocês.

Ivan de Souza Monteiro:

Obrigado, Carlos. Respondendo a primeira parte da sua pergunta, não haverá restrição de crescimento do Banco do Brasil em relação à estrutura de capital do Banco. Você sabe que o nível mínimo é 11, mas o Banco trabalha com uma política de segurança, toda vez que se aproxima de 13 disparam-se eventos para recompor essa estrutura de capital. Esse foi o motivo pelo qual fizemos a captação de dívida de bônus perpétuo em outubro e esse foi o motivo pelo qual fizemos uma captação de dívida subordinada no mês de novembro.

Então, não haverá restrição de crescimento em relação a isso, nós estamos atentos a isso. Acredito que a colocação dos nossos concorrentes em relação a crédito tem permitido com que eles mantenham um nível mais elevado de K, mas a decisão do Banco foi justamente na linha contrária, nós decidimos expandir a carteira.

Com relação à provisão, alterações de risco em varejo e empresas, eu gostaria que o diretor Eduardo respondesse, por favor.

Gilberto:

Macedo, se você observar na tabela, existe na realidade uma compensação naquela linha outros impactos, porque ela também caiu. Ela tinha uma redução de R\$1,745 bilhão e caiu para R\$873 milhões. Então, é importante olhar o *net*.

Carlos Macedo:

E qual foi o principal fator que impactou essa linha? Foi liquidação?

Gilberto:

Como você faz a provisão no final de cada mês, tudo o que não é classificado em migração etc. vai à linha outros impactos. Então, se uma operação muda de categoria ou qualquer outra coisa que o sistema considere, pode ser que tenha sido ajustado aqui.

Então, eu não diria diretamente que houve uma melhoria simplesmente olhando na linha migração de risco. Acho que tem que olhar realmente no fluxo de provisão que ocorreu no período, que houve inclusive um crescimento em relação ao trimestre anterior, por conta do crescimento da carteira.



Marco Geovanne Tobias da Silva:

Macedo, é importante também ressaltar que não houve nenhuma mudança na política, continuou tudo igual. Pode haver uma melhoria de cenário junto com essas questões que o Gilberto colocou.

Carlos Macedo:

Mas essa carteira de varejo que vocês reconhecem já inclui o Banco Votorantim? OU seja, se eu tirar a carteira de varejo sem o Banco Votorantim, iria de 1,5 para algo como 2,1, algo assim? É isso?

Ivan de Souza Monteiro:

Não, nessa análise o Votorantim não está incluído, só a Nossa Caixa. É importante falar na carteira de varejo do movimento que está acontecendo nas operações vencidas há mais de 90 dias, como foi mostrado no gráfico durante a apresentação, e isso, de fato, nós já começamos a observar.

Existia uma estabilidade no nível de inadimplência, e agora existe uma redução dessa inadimplência, inclusive em 15 dias. Então isso, gradativamente, futuro, olhando para frente, a tendência é que você veja, de fato, melhorias. Mas por enquanto, no 3T eu acho que foi mais uma questão de enquadramento contábil na apuração da provisão.

Carlos Macedo:

Obrigado.

Operadora:

Não havendo mais perguntas, passo a palavra ao Sr. Ivan Monteiro para suas Considerações finais.

Ivan de Souza Monteiro:

Agradeço a presença de todos, e lembro que havendo necessidade de mais informações sobre a nossa instituição, por favor, contatem nossa equipe de RI ou visitem o nosso *website*. Muito obrigado, e tenham um ótimo fim de semana.

Operadora:

A teleconferência do Banco do Brasil está encerrada. Agradecemos a participação de todos, e lembramos que o material utilizado nessa conferência está disponível no Portal BB, na página de Relações com Investidores. Obrigada pela participação, e tenham todos um bom dia.

"Este documento é uma transcrição produzida pela MZ. A MZ faz o possível para garantir a qualidade (atual, precisa e completa) da transcrição. Entretanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais falhas, já que o texto depende da qualidade do áudio e da clareza discursiva dos palestrantes. Portanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais danos ou prejuízos que possam surgir com o uso, acesso, segurança, manutenção, distribuição e/ou transmissão desta transcrição. Este documento é uma transcrição simples e não reflete nenhuma opinião de investimento da MZ. Todo o conteúdo deste documento é de responsabilidade total e exclusiva da empresa que realizou o evento transcrito pela MZ. Por favor, consulte o website de relações com investidor (e/ou institucional) da respectiva companhia para mais condições e termos importantes e específicos relacionados ao uso desta transcrição."